

Paisagem Sonora em Juiz de Fora: O som da cidade como resgate da cultura e da memória urbana

*Sound Landscape in Juiz de Fora:
The sound of the city as a rescue of culture and urban memory*

Júlio César de Sousa Vieira¹

Lauany Aparecida de Souza²

Rodrigo de Almeida Spinelli Pinto³

Juliana Simili de Oliveira⁴

Fabiana Mendes Tavares Jacques⁵

DOI: <https://doi.org/10.34019/2179-3700.2020.v20.31134>

Enviado em: 25 de junho de 2020

Aprovado em: 10 de agosto de 2020

Resumo

O som, seja pela sua presença ou pela sua ausência, influencia e altera a percepção que se tem de um espaço, sendo um qualificador deste espaço e contribuindo para transformá-lo ou não em um lugar. Ainda que exista um domínio da visão sobre os demais sentidos, os sons, os odores e as sensações térmicas, mesmo que efêmeros e dinâmicos, não podem ser desconsiderados, haja vista que são responsáveis pela construção das ambiências e consequente construção sensível dos espaços. A Paisagem Sonora ("soundscape"), propõe o estudo do ambiente acústico de maneira sistematizada e contextualizada. Uma paisagem sonora é a extensão do território que se pode escutar, abrangendo todos os sons produzidos no ambiente, sendo também sempre uma criação cultural. O presente projeto de pesquisa propõe um estudo da Paisagem Sonora de Juiz de Fora, mais especificadamente da região do centro urbano da cidade, compreendida no recorte deste estudo como o "Triângulo Central", espaço que detém parte significativa da história da cidade, apresentando diversos usos e formatações ao longo do tempo. O Triângulo Central representa uma

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo (UFJF). E-mail juliocesarsousavieira@gmail.com

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UFJF). E-mail lauany.souza@arquitetura.uff.br

³ Arquiteto e Urbanista (UFJF), Mestrando – PROARQ/ UFRJ, membro do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Musicologia e Performance Historicamente Informada "NEIMPHI" (UFJF). E-mail rodrigo.spinelli@arquitetura.uff.br

⁴ Arquiteta e Urbanista (UFJF), Doutora em Arquitetura - PROARQ/UFRJ, Mestre em Ambiente Construído - PROAC/UFJF (2012) e Professora Adjunta – FAU/UFJF. Pesquisadora do grupo "Qualidade do Lugar e Paisagem – ProLugar" (FAU/PROARQ/UFRJ), e do grupo "Laboratório da Paisagem – LAPASA (FAU/UFJF). E-mail juliana.simili@arquitetura.uff.br. XXXIII BIC/UFJF - 2018/2019. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus Universitário São Pedro Cep. 36036900 – Juiz de Fora, MG.

⁵ Arquiteta e Urbanista (UFRJ), Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo - PPgAU/UFV, Mestre em Ambiente Construído - PROAC/UFJF (2011) e Professora Adjunta - FAU/UFJF. Pesquisadora do grupo "Laboratório da Paisagem - LAPASA (FAU/UFJF). E-mail fabiana.jacques@arquitetura.uff.br



parcela do território urbano dos mais importantes como portador de memória, tratando-se de um dos lugares mais pertinentes para a compreensão do desenvolvimento de Juiz de Fora. Foi proposto também um recorte temporal, datado entre as décadas de 1880 e 1940. Este recorte espaço-temporal justifica-se pela própria relevância histórico-cultural que apresenta para Juiz de Fora. Porém, tendo em vista a densidade dos resultados obtidos até o momento, aborda-se a primeira década deste recorte, compreendida de 1880 a 1890. O objetivo geral desta pesquisa é resgatar parte da memória sonora da cidade de Juiz de Fora, categorizando os sons destacados como relevantes (histórica e/ou culturalmente) e identificando a transformação da paisagem sonora em meio às transformações dos espaços urbanos. Configura-se como tendo uma abordagem qualitativa, pois não se baseia na representatividade numérica, isto é, os dados são considerados na análise de acordo com qualidade do material coletado, sendo considerados os registros sonoros mais destacadamente relevantes para a pesquisa. Assim, ainda que sejam apresentados dados numéricos neste estudo, estes têm relevância como respaldo à análise qualitativa. Caracteriza-se como uma pesquisa documental, uma vez que trabalha com fontes primárias (jornais) que ainda não receberam um tratamento analítico com o enfoque desta pesquisa. A partir da pesquisa proposta e seus desdobramentos, gerou-se um mapa gráfico-sonoro, com indicativo de sons coletados em cada área, servindo como registro histórico-cultural das percepções sonoras no centro de Juiz de Fora, criando-se um registro da paisagem sonora em tal espaço-tempo.

Palavras-chave: Paisagem Sonora. Juiz de Fora. Cultura. Memória Urbana.

Abstract

Sound, whether by its presence or absence, influences and alters the perception of a space, being a qualifier of this space and contributing to transform it or not into a place. Although there is a mastery of vision under the other senses, sounds, odors and thermal sensations, even if ephemeral and dynamic, cannot be ignored, since they are responsible for the construction of ambiances and the consequent sensitive construction of spaces. The soundscape proposes the study of the acoustic environment in a systematic and contextualized way. A soundscape is the extension of the territory that can be heard, encompassing all the sounds produced in the environment, being also always a cultural creation. This research project proposes a study of the Sound Landscape of Juiz de Fora, more specifically in the region of the urban center of the city, understood in the outline of this study as the “Central Triangle”, a space that holds a significant part of the city's history, presenting several uses and formatting over time. The Central Triangle represents a part of the most important urban territory as a memory bearer, being one of the most relevant places for understanding the development of Juiz de Fora. A time frame was also proposed, dated between the 1880s and 1940s. This space-time frame is justified by the very historical-cultural relevance it presents to Juiz de Fora. However, in view of the density of the results obtained so far, approach the first decade of this clipping, from 1880 to 1890. The general objective of this research is to rescue part of the sound memory of the city of Juiz de Fora, categorizing the sounds highlighted as relevant (historically and / or culturally) and identifying the transformation of the soundscape amid the transformations of urban spaces. It is configured as having a qualitative approach, as it is not based on numerical representativeness, that is, the data are considered in the analysis according to the quality of the collected material, being considered the most relevant sound records for the research. Thus, even if numerical data are presented in this study, they are relevant to support qualitative analysis. It is characterized as a documentary research, since it works with primary sources (newspapers) that have not yet received an analytical treatment with the focus of this research. From the proposed research and its developments, a graphic-sound map was generated, indicating sounds collected in each area, serving as a historical-cultural record of sound perceptions in the center of Juiz de Fora, creating a landscape record sound in such a space-time.

Keywords: Soundscape. Juiz de Fora. Culture. Urban Memory.

1 INTRODUÇÃO

O som é um importante qualificador espacial, tanto pela sua presença quanto pela sua ausência, sendo capaz de influenciar e alterar a percepção que se tem de um espaço e contribuir para transformá-lo ou não em um lugar. Ainda que a visão se configure como um sentido prevaiente sobre os demais sentidos, os sons, os odores e as sensações térmicas, ainda que efêmeros e dinâmicos, não podem ser desconsiderados, haja vista que são responsáveis pela construção das ambiências e consequente construção sensível dos espaços (OLIVEIRA, 2017).

Neste sentido, o tema deste trabalho⁶ é o estudo da paisagem sonora na cidade de Juiz de Fora, MG, Brasil, entendendo a importância das sonoridades para a construção do lugar.

Mapa 1 - Mapa de localização do município de Juiz de Fora em Minas Gerais



Fonte: <http://www.codemge.com.br/atuacao/turismo/turismo-de-negocios/expominas-juiz-de-fora/> . Acesso em: 03 abr. 2019.

Ainda que existam diversos estudos da cidade considerando tal espaço-tempo, não se tem conhecimento de pesquisas que enfoquem preponderantemente sua paisagem sonora. Acredita-se que devido à sua já constatada relevância histórica no período de 1880

⁶ Link para o vídeo do projeto: <https://www.youtube.com/watch?v=gpvE1iJ5Gjk>

a 1930, o resgate da paisagem sonora de Juiz de Fora apresenta uma rica e contundente memória sonora, decorrente de diferentes contextos sociais e culturais, e intrínsecos à própria memória dos acontecimentos urbanos, e que não foram ainda sistematizados.

Como sendo uma região bastante consolidada, a região central de Juiz de Fora é conhecida por grande parte dos juiz-foranos. Entretanto, acredita-se que esse conhecimento perpassa muito mais por uma memória fotográfica e afetiva do que sonora. Investigando as relações que se estabelecem entre a paisagem construída visível e a paisagem sonora invisível das cidades, esta pesquisa torna-se relevante por almejar o registro da memória sonora do “Triângulo Central”, em um resgate do “ouvir” a cidade.

Portanto, o objetivo geral da pesquisa é resgatar parte da memória sonora da cidade de Juiz de Fora, categorizando os sons destacados como relevantes (histórica e/ou culturalmente) e identificando a transformação da paisagem sonora em meio às transformações dos espaços urbanos. Além disso, objetiva mapear os fragmentos sonoros, traçando um registro gráfico-sonoro da memória sonora da área central de Juiz de Fora, mais especificamente o “Triângulo Central”.

2 PAISAGEM SONORA: CONFIGURAÇÃO E MEMÓRIA DO LUGAR ATRAVÉS DOS SONS

Como afirma Schafer (1991, p. 198), “ambiente não é apenas aquilo que é visto”. Os lugares são criados e experimentados como resultado de diferentes, e muitas vezes únicas, misturas de sensações em ressonância com a nossa memória individual e coletiva (OLIVEIRA, 2017). Para além do mais, a paisagem é fruto de um ponto de vista, um modo de pensar e perceber, uma dimensão da vida mental do ser humano. Segundo Besse *et al.* (2014), a paisagem não existe, objetivamente ela é relativa ao que se pensa dela, percebe dela e diz dela. De acordo com ele, cada indivíduo coloca uma espécie de véu mental entre si e a paisagem, de modo que essa operação constitua sua real percepção da mesma.

“O som da chuva batendo contra as folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado nos excitam com intensidade raramente alcançada pela imagem visual” (TUAN, 1980, p. 10).

O território sonoro é um espaço delimitado pelo seu conteúdo sonoro peculiar, evoca tempo e sentidos próprios, constituindo um microcosmo no interior de uma paisagem sonora. O território sonoro possui memória coletiva, nele o tempo condensa-se no espaço.

Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 307) “os sons modificam as imagens consecutivas das cores: um som mais intenso as intensifica, a interrupção do som as faz vacilar, um som baixo torna o azul mais escuro ou mais profundo.” As diversas maneiras de decodificar os sons desvelam que a experiência sonora nunca estará restrita espontaneamente a um único registro sensorial. Não existe, naturalmente, segundo Merleau-Ponty (1999), constância na atribuição de uma sensação a um dado estímulo, a visão dos sons ou a audição das cores existem enquanto fenômenos. Torres e Kozel (2010) afirmam que cada paisagem é produto e produtora de cultura, são formadas de diversas sensações, formas, cores, cheiros, sons e movimentos que podem ser experimentados por cada pessoa que se integre a ela, ou abstraído por aquele que a lê através de relatos ou imagens.

Outro ritmo biológico que se relaciona significativamente com o ambiente acústico é o do poder de resolução dos receptores sensoriais. Na espécie humana, ele oscila aproximadamente entre dezesseis a vinte ciclos por segundo. É nessa faixa de frequência que uma série de imagens ou sons separados se fundem para dar a impressão de um fluxo contínuo. (SCHAFFER, 2001, p. 318)

Apesar de a princípio, de maneira generalizada, não sermos capazes de selecionar o que escutamos, segundo Chion (1994, p. 107-108), “retemos apenas as impressões sonoras que carregam em si significados materiais e emocionais”. Criamos, por assim dizer, uma “paisagem ideal”, uma recriação sonora seletiva desencadeada pelo senso de familiaridade. Segundo Janata (2009) o indivíduo é capaz de reestabelecer estruturas neurais e reviver emoções a partir do remetimento a uma estrutura sonora identitária. Aqueles sons que não nos interessam ou não nos surpreendem são eliminados da memória. Neste sentido, Schafer (2001, p. 29) declara que “a única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis para se concentrar no que é desejável. Os olhos apontam para fora, os ouvidos para dentro. Eles absorvem informação”.

Assim, dentre os aspectos qualificadores do lugar, destaca-se como relevante os elementos sonoros. Isto é, a Paisagem Sonora (“soundscape”) do lugar. Tal termo, cunhado por Schafer (2001, p. 11), propõe o estudo do ambiente acústico de maneira sistematizada e contextualizada. Rego (2006) corrobora ao afirmar que uma paisagem sonora é a extensão de todo o território que se pode escutar, abrangendo todos os sons produzidos no ambiente, mas também sendo sempre uma criação cultural. A autora ainda afirma que uma paisagem sonora não se detém ao que pode ser escutado, mas ao que cada pessoa pode ouvir e compreender, em função do seu conhecimento, possibilitando um

posicionamento individual em relação aos sons que serão ouvidos em uma determinada época e lugar. Neste sentido, Oliveira (2017) ratifica que, independentemente de onde uma pessoa esteja ou a época em que ela viva, sempre haverá uma situação sonora circundante e que poderá ser compreendida sob diferentes pontos de vista, com base no repertório individual e coletivo próprio a esta pessoa.

Isto quer dizer que, ainda que o valor tangível do som possa ser relacionado à noção física e acústica das ondas sonoras, a sonoridade não se detém a tais aspectos, atingindo, por meio da percepção, as sensações, e evocando emoções e memórias introspectivas do ser humano. E isso se dá através de associações simbólicas, construídas por suas relações sociais, culturais e identitárias (OLIVEIRA, 2017). Acredita-se que a identificação do lugar e conseqüente registro de sua memória deva também perpassar pela memória sonora, sendo o texto jornalístico importante fonte primária da paisagem sonora de uma época.

Zumthor (2006, p. 29) diz que “cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, amplia e transmite os sons.” Às distintas interações do som com os volumes do ambiente dá-se o nome de relevo da paisagem sonora. De acordo com os novos usos adquiridos pelo espaço, novos ritmos são adicionados a ele, refletindo, na paisagem sonora, um acúmulo de sínopes e contratempos. Segundo Schafer (2001) a dimensão e a forma do espaço controlam a velocidade das atividades que ocorrem no seu interior. Isso significa que, em um espaço essencialmente reverberante, a percepção retórica dos sons é sempre mais lenta que em um ambiente acusticamente seco. A formação estrutural dos espaços e seus respectivos materiais conduzem impressões e reverberam ressonâncias capazes de nos afetar por intermédio do ente arquitetônico.

“O verdadeiro projetista acústico deve compreender minuciosamente o ambiente com o qual está lidando; precisa ter treinamento em acústica, psicologia, sociologia, música e muitas outras coisas, à medida que a ocasião requeira”. (SCHAFER, 2001, p. 288)

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se como tendo uma “abordagem qualitativa, pois não se baseia na representatividade numérica, mas no conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações” (MINAYO, 2001, p. 15). Isto é, os dados são considerados na análise de acordo com a qualidade do material coletado, sendo considerados os registros sonoros

mais destacadamente relevantes para a pesquisa. Ou seja,

trabalhou-se com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

Assim, ainda que sejam apresentados dados numéricos neste artigo, estes têm relevância como respaldo à análise qualitativa.

Quanto aos procedimentos, esta é caracterizada em parte como uma pesquisa documental, uma vez que trabalha com fontes primárias (jornais) que ainda não receberam um tratamento analítico com o enfoque desta pesquisa (paisagem sonora no “Triângulo Central” Juiz de Fora entre 1880 e 1890).

4 JUIZ DE FORA E O TRIÂNGULO CENTRAL: UM RESGATE DO “OUVIR A CIDADE”

Dentro desta cidade de Juiz de Fora, foi estabelecido um recorte espacial, considerando a região do centro urbano da cidade, compreendida como sendo o “Triângulo Central”. Como espaço que detém parte significativa da história da cidade, apresentando diversos usos e formatações ao longo do tempo, o Triângulo Central representa uma parcela do território urbano das mais importantes como portadora de memória, tratando-se de um dos lugares mais pertinentes para a compreensão do desenvolvimento de Juiz de Fora.

Desta forma, o triângulo central formado pelas avenidas Rio Branco, Getúlio Vargas e pela rua Espírito Santo, tem nos seus vértices três das principais praças públicas que, fundindo-se com os eixos constituídos pelas ruas Halfeld e Marechal Deodoro, unem as outras duas praças restantes, o Parque Halfeld e a Praça João Penido, que constituem o conjunto das únicas praças até hoje existentes (PASSAGLIA, 1983, p. 39).

Mapa 2 - Mapa Esquemático do Triângulo Central



Fonte: os autores, 2019.

Ao recuperar a história de Juiz de Fora se compreende que seu desenvolvimento se dá à medida que se intensifica a cultura cafeeira, a partir da década de 1850, quando a Vila passa a constituir o entreposto comercial do café produzido na Mata Mineira, o que viria a contribuir para a acumulação de capital na nova cidade.

Foi no período entre 1836 com a retificação do Caminho do Paraibuna, até 1888, com a instalação da Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas, que a cidade, a primeira de Minas a se industrializar, passou de um simples local de passagem para um parque industrial embrionário, 50 anos, tempo que levou para que o Triângulo Central se estruturasse e se consolidasse.

“Existiam em 1878 nove ruas: Direita, Imperador (15 de novembro), Comercio (Batista de Oliveira), Liberdade (Floriano Peixoto), Imperatriz (Marechal Deodoro), Santa Rita, Espírito Santo, S. Matheus.” (ESTEVEZ, 1915, p. 70)

Em 1884, mais de 60% da malha ferroviária da Província estavam concentrados na Mata Mineira, apresentando interligações em Juiz de Fora, que acumulava grande parte do capital regional, passando a representar o centro urbano daquela região agroexportadora.

Contando com um sistema de transporte rápido e eficiente, e tendo conquistado a condição de entreposto comercial, Juiz de Fora assumiu características típicas de um polo econômico, atraindo grandes interesses econômicos e financeiros, e transformando-se em palco de grandes negócios, de intensa circulação de mercadorias. Como consequência, foi inevitável que passasse a atrair também novos investimentos urbanos com capacidade de contemplar contingentes populacionais diversos. “[...] S. Marcellino tratou, na Câmara, da dotação à cidade, de água potável e extinção dos pântanos” (ESTEVES, 1915, p. 71) em 1880. Em 1889 ocorreu a inauguração da rede elétrica na cidade.

Segundo Vale (2010), no período que vai de 1880 até os anos 1930, a burguesia e a intelectualidade de Juiz de Fora denominaram a cidade “Manchester Mineira” e “Atenas Mineira”, como forma de expressar a ideia de modernismo e progresso.

Além das chaminés das fábricas que marcaram o desenvolvimento industrial, constata-se o anseio de uma civilização inspirada nos moldes dos centros europeus, reunindo diversas casas comerciais, indústrias, cinema, teatro, hotéis.

O Triângulo central destacava-se tanto no que diz respeito à concentração de serviços coletivos básicos – aqueles ligados ao saneamento ou ao “embelezamento” – como no que se refere à infraestrutura de abastecimento, atividades mercantis, industrial e moradia das classes abastadas. Compõe, portanto, um núcleo emblemático da primeira fase da industrialização vivenciada conforme analisa Genovez,

O luxo dos imóveis construído por Arcuri e Spinelli, também mostram a hierarquia dentro da sociedade que se formava, abrindo espaço para os novos empreendedores frente à antiga elite já estabelecida. O local escolhido para enraizamento dos negócios foi mais uma demonstração visível do esforço de uma elite que se constituía a partir do comércio e industrialização que se impunham economicamente. Nas construções que projetavam e executavam estavam o desejo de permanecer na memória da cidade, marcando um tempo de transição e de superação (GENOVEZ, 1998, p. 27).

Neste sentido, pela sua relevância para a cidade, foi proposto como recorte temporal para a iniciação científica o período datado entre as décadas de 1880 e 1940. Este recorte espaçotemporal justifica-se pela própria relevância histórico-cultural que apresenta para Juiz de Fora. Porém, tendo em vista a densidade dos resultados obtidos até o momento, neste artigo será abordada a primeira década deste recorte, compreendida de 1880 a 1890.

Como uma região bastante consolidada, a região central de Juiz de Fora é conhecida por grande parte dos juiz-foranos. Entretanto, acredita-se que esse conhecimento perpassa muito mais por uma memória fotográfica e afetiva do que sonora. Assim, a investigação

poderá estabelecer relações entre a paisagem construída visível e a paisagem sonora invisível da cidade, em particular como resgate da memória sonora do “Triângulo Central”. Schafer (2001) afirma que quanto mais familiar é um ambiente sonoro, menos discernível ele é para nossa escuta, pois estamos condicionados a escutá-lo de uma determinada maneira. Desta forma, esta pesquisa justifica-se por sua busca ao resgate do “ouvir” a cidade, neste artigo em particular, historicamente.

5 OS JORNAIS COMO REGISTRO DO COTIDIANO SONORO DE JUIZ DE FORA

Durante a primeira fase desta pesquisa, buscou-se registros sonoros em diferentes fontes documentais. A investigação iniciou-se junto aos arquivos da cidade, onde se examinou documentos da área e do período histórico estudados, com enfoque em livros históricos, relatos literários e jornais. Assim, por meio deles, pode-se traçar um panorama geral dos acontecimentos do período datado, visando identificar possíveis ocorrências sonoras dentro do recorte temporal e espacial adotados. Com essa primeira coleta, levantou-se por décadas as informações dos acontecimentos da cidade em um documento que continha separadamente os eventos históricos importantes, dividido em Evento Arquitetônico, no qual, foram selecionados dados sobre as construções de edifícios relevantes de Juiz de Fora, Evento Urbanístico, onde é possível identificar as transformações de infraestrutura urbana ao longo do tempo e Evento Efêmero, que agrupa informações sobre acontecimentos culturais e cotidianos da cidade. Entretanto, analisando as referências coletadas, observou-se insuficiência de elementos para a sistematização e classificação do estudo sonoro da paisagem, servindo o arquivo como base para a próxima etapa.

Partiu-se então para a busca literária, onde não se obteve consistência de relatos sonoros. Em um terceiro momento, então, optou-se pela investigação em jornais.

Com a ajuda do levantamento histórico anteriormente relatado, foi possível identificar uma fonte primária de análise. Os jornais eram grandes relatores dos fatos ocorridos no cotidiano, portando dados relevantes da sociedade, como eventos políticos e culturais daquela época.

Entende-se que os registros contidos nos relatos dos jornais com publicações do final do século XIX são uma importante fonte documental para o resgate da identidade da cidade. Em Juiz de Fora, como espaço de informação e opinião, os jornais do período

reuniram o melhor da intelectualidade da cidade, sendo os principais responsáveis pela configuração de um imaginário social de progresso. A partir dos anos 1870, começou a publicar seus primeiros impressos (MUSSE, 2007).

Dessa forma, com a ajuda dos arquivos locais e com a documentação disposta *online* pelo site da Biblioteca Nacional, foi feita uma catalogação de todos os jornais existentes durante o período escolhido para o estudo da pesquisa, sistematizando em forma de tabela todos os nomes dos periódicos que fizeram parte da história da cidade. Além disso, foram tabelados dados referentes ao ano de vigência e término de cada um, contendo ainda, a informação de disponibilidade junto aos órgãos de pesquisa já mencionados anteriormente e a datação catalogada de cada jornal. Com isso, foi possível encontrar cerca de 41 exemplares, dos quais apenas 19 estavam disponíveis para consulta.

Foram encontrados diferentes jornais, que carregavam conteúdos diversos sobre a rotina da cidade, contendo desde assuntos referentes à política, até aqueles que se referiam ao comércio. Assim sendo, iniciou-se a análise dos exemplares, a fim de encontrar aqueles que melhor se enquadrassem no estudo sonoro da cidade. A Biblioteca Municipal contém informações que classificavam os jornais em um breve resumo, sobre os conteúdos dispostos em cada um deles, refinando ainda mais os dados coletados. Como resultado, foi possível encontrar três jornais que chegavam mais próximo à proposta estabelecida, sendo então analisados a fundo os periódicos: Echo do Povo, Lar Cathólico e O Pharol.

Com um importante papel na formação da crítica juiz-forana, o jornal O Pharol vigorou em um período no qual, o acesso a publicações era difícil e o analfabetismo fazia parte de parcela considerável da sociedade. Ainda assim, dentro desse cenário, a camada instruída tinha a oportunidade de ler os jornais, que traziam além de crônicas, informes políticos, como também, de discussões e fatos sobre a cidade e sua evolução no tempo, noticiando com detalhes o cotidiano da cidade e de seus habitantes. A escolha de tal fonte documental deve-se à quantidade de exemplares disponíveis e à qualidade dos relatos coletados, que conseguiram atender aos requisitos de análise da paisagem sonora adotada posteriormente à coleta dos dados.

O Pharol passou a circular em abril de 1871, existindo até o ano de 1939. Inicialmente, sua edição foi como semanário, passando a ser diário em 1885. Ressalta-se ainda que este foi o mais importante periódico desse período, sendo, até hoje, uma fonte indispensável de pesquisa para aqueles que desejam reconstituir esta fase da história (OLIVEIRA, 1978).

Sendo assim, a investigação dos documentos foi feita com a disponibilidade de jornais arquivados *on-line* pela Biblioteca Nacional, visto que os periódicos físicos não estavam disponíveis na Biblioteca Municipal. No site foi possível encontrar na Hemeroteca Nacional Brasileira os jornais que datam de 1870 até 1930, sendo então analisados apenas os anos que se enquadram no recorte temporal estabelecido. Determinou-se entre os bolsistas que cada um estudasse os exemplares relativos a um período de 5 anos, possibilitando assim, a coleta de dados dos anos de 1880 até 1890. Essas informações foram sistematizadas em uma planilha que organiza em colunas as notícias extraídas.

Dos periódicos foram coletados trechos que continham relatos sobre os sons da sociedade naquele período, com sua devida identificação referencial. Eles foram então, organizados na tabela, preenchida na seguinte ordem:

Inicialmente, junto ao jornal, identifica-se a notícia aqui considerada Evento Sonoro, que segundo Schafer (1991) “é simbólico quando desperta em nós emoções ou pensamentos, além de suas sensações mecânicas ou funções sinalizadoras, quando possui uma numinosidade ou reverberação que ressoa nos mais profundos recessos da psique” (p. 239). Esses eventos descreviam as sonoridades encontradas naquela época, carregado assim de sentimentos únicos para aquela sociedade, sendo então transcritos exatamente como o jornal os publicou, mantendo a informação juntamente com a gramática que prevalecia naquele período.

Após identificar e transcrever a notícia, se nomeia a Testemunha auditiva, ou seja, “pessoa que atesta ou pode atestar o que ouve.” (SCHAFER, 1991, p. 368). Durante o processo, foi possível constatar poucas testemunhas, visto que o jornal não especificava ao certo o nome do escritor ou o responsável pela informação prestada, sendo então, registrado como responsável o Redator e proprietário do jornal no período datado, na ausência de identificação. Logo em seguida se identifica o ano da publicação.

Em sequência são separados os objetos sonoros considerados de acordo com Schafer (1991, p. 179).

[...] o objeto sonoro é um evento acústico, cujos aspectos podem ser percebidos pelo ouvido. Enlaçando e submetendo a “nota” da música tradicional, o objeto sonoro, agora, a substitui, como o termo pelo qual descrevemos o evento acústico cosmogênico. As paisagens sonoras são construídas a partir do evento acústico.

Dessa forma, são retirados dos Eventos sonoros, os objetos que transmitem e produzem os sons que constituem a paisagem relatada. Partindo deles, classifica-se em grupos sonoros cada um desses elementos coletados, podendo ser classificados como:

Água, Animal, Ar, Comunicação não-verbal, Edificação, Explosão, Ferramenta, Fogo, Humano, Manifestação cultural, Manifestação religiosa, Máquina, Música, Objeto, Ruído, Sinais, Telecomunicação, Transporte, Silêncio e Outro.

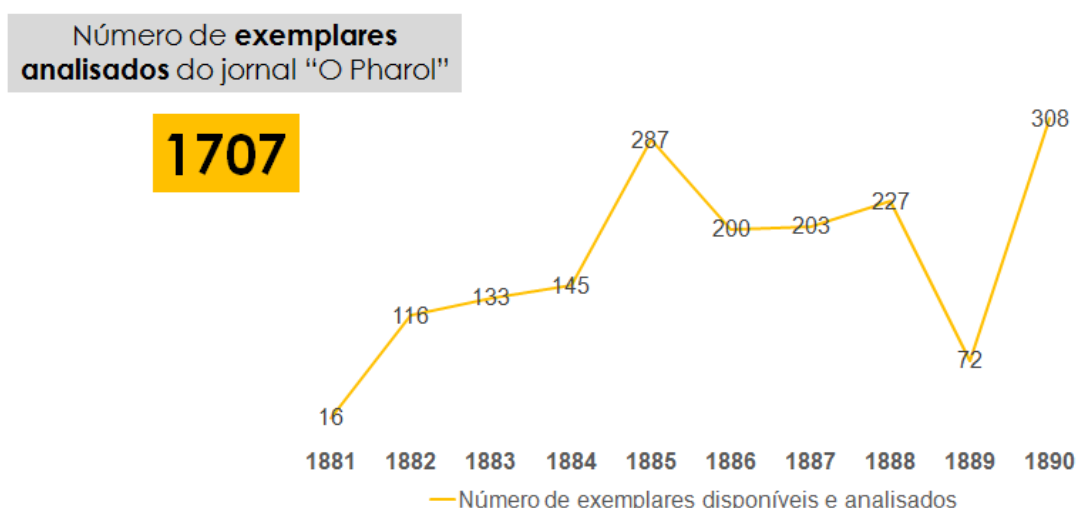
Por fim, é sistematizado o local da escuta, no qual se reconhece o endereço onde o objeto sonoro causou o evento acústico encontrado, transcrevendo primeiramente a antiga localidade, e posteriormente na coluna seguinte detectando no mapa atual da cidade a indicação do endereço atual.

6 RESULTADOS

Durante a coleta de dados primários, examinou-se até o momento 1707 exemplares do jornal O Pharol, onde foi possível coletar 308 fragmentos sonoros. Tais fragmentos são relatos sonoros de eventos historicamente reconhecidos ou de ocorrências do cotidiano da cidade de Juiz de Fora.

O gráfico (figura 1) mostra a quantidade de exemplares do jornal O Pharol disponíveis e analisados entre os anos 1880 e 1890.

Figura 1 - Quantidade de exemplares disponíveis e analisados entre os anos de 1880 a 1890, do jornal O Pharol



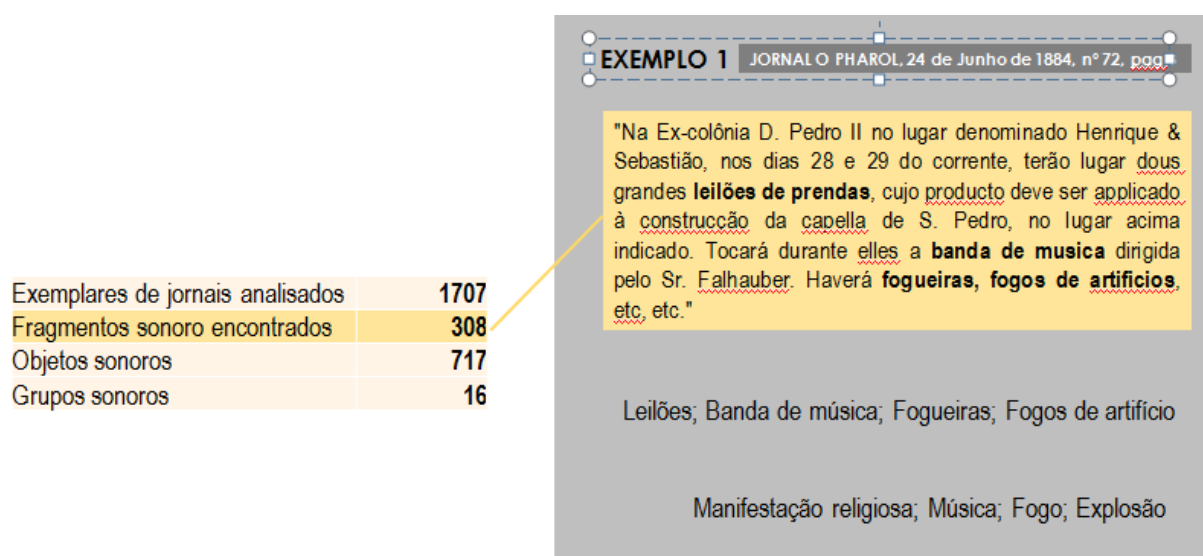
Fonte: os autores, 2019.

Revelando-se como um campo ainda inexplorado, a paisagem sonora juiz-forana pode ser importante como mais uma ferramenta para se compreender as dinâmicas da

cidade. Tais sonoridades revelam-se como relatos imateriais da paisagem urbana, sendo possível através de seus registros e análises compreender o desenvolvimento urbano, histórico, arquitetônico e cultural através de relatos do cotidiano, identificado em fragmentos sonoros de jornais.

A seguir, um exemplo de fragmento sonoro retirado do jornal O Pharol, de 24 de junho de 1884, número 72, página 3.

Figura 2 - Exemplo de fragmento sonoro retirado do jornal O Pharol, de 24 de junho de 1884, número 72, página 3



Fonte: os autores, 2019.

Os fragmentos sonoros coletados e então cartografados funcionam como representações, documentos e influenciando visões de mundo e permitindo construções culturais espaciais (ROCHA, 2017). Assim, a seguir apresenta-se o mapeamento dos sons bem como sua análise.

Os mapas são representações cartográficas de uma dada área do espaço. São, sobretudo, uma forma de linguagem e, portanto, de comunicação. O chamado mapeamento digital, ou cartografia digital, tem como função principal desta tecnologia a produção de mapas que dão representações precisas de uma determinada área e que facilitam a observação de fenômenos, localidades e pontos específicos que se deseja analisar, com a informação sendo descrita de maneira muito mais fácil e simples do que uma descrição textual.

Para a construção dos mapas, a ferramenta Google Maps foi escolhida. Tal

mecanismo, além de disponibilizar serviço gratuito de mapas *on-line* e imagens por satélite, permite a criação de mapas personalizados com lugares, adicionando pontos de interesse com base em planilhas previamente criadas e que são instantaneamente importadas.

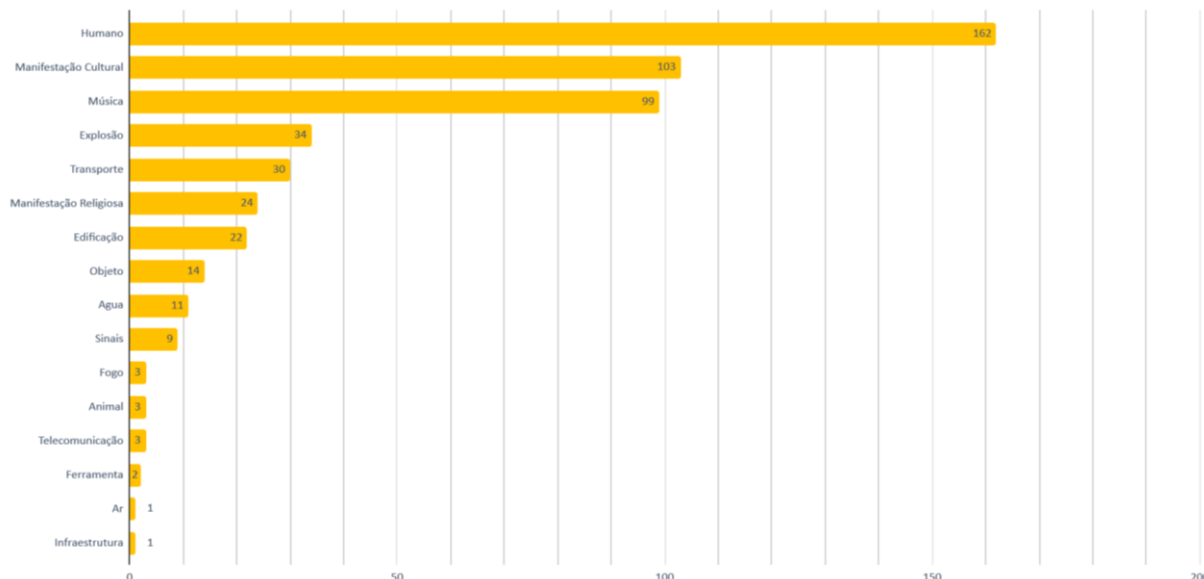
Portanto, após sistematizar e catalogar todos os eventos sonoros encontrados, a planilha com todas as informações relevantes para a construção do mapa foi separada em duas, uma constando todos os fragmentos com os seus respectivos endereços atuais, e outra com os endereços não encontrados. A divisão foi necessária para que não retarde e se prolongue a construção do mapa, que carece da localização atual dos emissores sonoros para a adição dos pontos.

Com o propósito de que os mapas sejam gerados corretamente, padronizou-se toda a coluna da planilha denominada de “Grupos Sonoros” com grafia minúscula, a fim de que a escrita não produza grupos duplicados, já que diferentes letras, no início da palavra por exemplo, poderiam gerar grupos sonoros distintos no mapa.

Em continuidade, verificou-se que manter todos os grupos e seus respectivos fragmentos sonoros em uma mesma planilha poderia tornar a leitura do mapa confuso, desordenado. Desta maneira, a solução proposta foi a de criar camadas dentro da mesma planilha, separando-a por grupos e mantendo as passagens de um mesmo grupo sonoro juntas, facilitando o entendimento. Conseqüentemente, os mapas também seriam produzidos por camadas, com a finalidade de organização e divisão por grupos sonoros.

Entretanto, para gerar o mapa no Google Maps, só é possível criar dez das então denominadas “camadas”, o que fez com que a separação de tais grupos ocorresse dos mais volumosos, que contém uma maior quantidade de manifestação, para os menos volumosos, de acordo com o gráfico quantitativo de objetos sonoros obtido. Vale ressaltar que a 10ª camada agruparia o restante dos grupos de menor ocorrência – Sinais, Fogo, Animal, Telecomunicação, Ferramenta, Ar e Infraestrutura, respectivamente –, como demonstrado a seguir:

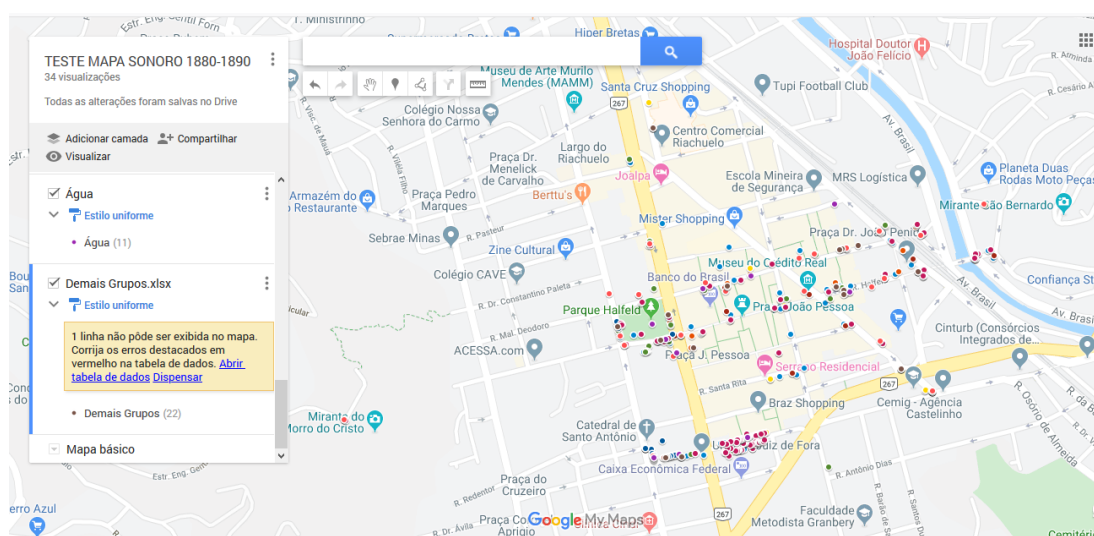
Figura 3 - Gráfico Quantitativo de Objetos Sonoros em Grupos Sonoros



Fonte: os autores, 2019.

Posteriormente às correções necessárias, a planilha foi importada para o Google Maps, onde se escolheu a coluna de “Endereços Atuais”, que continha a localização específica, para posicionar os marcadores. Em sequência, adotou-se a coluna de “Grupos Sonoros” para nomear a camada e definir como o mapa organizaria as cores dos pins. Dessa forma, obteve-se o primeiro mapa com os endereços que foram encontrados, podendo observar que a maioria das incidências sonoras se concentrava no centro de Juiz de Fora, foco da pesquisa.

Mapa 3 - Mapa de eventos sonoros de 1880 – 1890



Fonte: os autores, 2019.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia da pesquisa e o processo de coleta de dados demonstram-se bastante adequados aos objetivos propostos nesta pesquisa. Entende-se que os jornais – em particular o “O Pharol”, adotado neste recorte – sejam uma importante fonte primária para a composição da Paisagem Sonora do período histórico estudado.

Tendo em vista os resultados obtidos até o momento, acredita-se que a pesquisa da Paisagem Sonora Histórica seja uma importante ferramenta para o entendimento das transformações sociais, arquitetônicas e urbanas de uma cidade, em particular da cidade de Juiz de Fora, MG.

A densidade dos dados obtidos, relatando desde questões cotidianas até o registro de eventos históricos significativos para a cidade e até mesmo para o país, ajudam a traçar um perfil histórico da cidade para além de fotografias, uma vez que o ambiente não é só o que se vê, mas também aquilo que é escutado, tocado, inalado... Ou seja, o ambiente incorpora pessoas e a experiência daquilo que elas são capazes de sentir.

REFERÊNCIAS

BESSE J. M. *et al.* **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

CHION, M. **Audio-vision**: sound on screen. New York: Columbia University Press, 1994.

ESTEVES, Albino. **Álbum do município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

GENOVEZ, P. F. Núcleo histórico da rua Espírito Santo. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. (Coleção História e Arquitetura de Juiz de Fora).

JANATA P. **The neural architecture of music-evoked autobiographical memories**. *Cerebral Cortex, California*, v. 20, n. 11, p. 2579 - 2594, 2009.

MERLEAU-PONTY M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUSSE, C. F. A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, JUIZ DE FORA, 12., 2007, Juiz de Fora. **Anais** [...] Disponível em <http://intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

OLIVEIRA, A. **A imprensa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: datilog. Palestra apresentada no Museu Nacional de Belas Artes-RJ (1978).

OLIVEIRA, J. S. de. **Paisagem sonora além da audição**: Representações sonoras urbanas das pessoas surdas. Tese (Doutorado em Arquitetura) – PROARQ – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PASSAGLIA, L. A. P. **A preservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora**. IPPLAN/Prefeitura de Juiz de Fora, 1983.

REGO, A. Q. **Paisagens sonoras e identidades urbanas**: os sons nas crônicas cariocas e as transformações do bairro de Copacabana (1905-1968). 298 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – PROURB – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ROCHA, C. M. H. **Escutando a cidade**: cartografia de sonoridades. Tese (Doutorado em Arquitetura) – COPPE – Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

SCHAFER, R. M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

TORRES M. A.; KOZEL S. Paisagens Sonoras: possíveis caminhos aos Estudos Culturais em Geografia. **Revista Ra'e Ga – O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba, n. 20, p. 123- 132, 2010.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VALE, V. A. **A arquitetura latino-americana da industrialização Juiz de Fora (1880-1930)**. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/locus/files/2010/01/5.pdf> . Acesso em: 2 set. 2014.

ZUMTHOR P. **Atmosferas**. 1. ed. Barcelona: Editora Gustavo Gili, SL, 2006.